

CARTAS FEMININAS DO PERÍODO DE 1851-1908 NO ALTO SERTÃO DA BAHIA: REGISTROS RELEVANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ROSA CAMILA XAVIER AZEVEDO¹
Universidade do Estado da Bahia/UNEB

Resumo: Este artigo objetiva discorrer acerca do português brasileiro (PB) vigente, no período de 1851-1908, em cartas enviadas e recebidas por Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, as quais pertencem ao acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité, órgão que é responsável pela guarda dessas correspondências. Dessa forma, o objetivo geral é analisar os registros do português do Brasil do período de 1851-1908 a partir de correspondências de Maria Victória de Albuquerque. Diante disso, a questão norteadora deste estudo é: quais mudanças linguísticas podem ser evidenciadas a partir das correspondências de Maria Victória de Albuquerque? A fundamentação teórica do trabalho dar-se-á à luz de alguns textos, como de Anthony Naro e Maria Scherre (2007), Mattos e Silva (2001), Zélia Marques (2021), Ataliba de Castilho (2010). A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho é de abordagem qualitativa, de cunho documental. Esta pesquisa é extremamente necessária para que possamos entender como os traços linguísticos de determinado contexto e época possibilitam compreender a condição da língua na atualidade a partir da observação de cartas, que foram escritas por mulheres de uma região interiorana, Alto Sertão da Bahia.

1859

Palavras-chave: Português do Brasil. Traços linguísticos. Cartas.

Abstract: This article aims to discuss the Brazilian Portuguese (BP) in force, in the period 1851-1908, in letters sent and received by Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, which belong to the collection of the Municipal Public Archive of Caetité, the body that is responsible for keep these correspondences. Thus, the general objective is to analyze Brazilian Portuguese records from the period 1851-1908 based on correspondence from Maria Victória de Albuquerque, aiming to understand the historical process of changes in Brazilian Portuguese. Given this, the guiding question of this study is: what linguistic changes can be evidenced from Maria Victória de Albuquerque's correspondence? The theoretical foundation of the work will be based on some texts, such as those by Anthony Naro and Maria Scherre (2007), Mattos e Silva (2001), Zélia Marques (2021), Ataliba de Castilho (2010). The methodology chosen for the development of this work is a qualitative approach, of a documentary nature. This research is extremely necessary, so that we can understand how the linguistic traits of a given context and time make it possible to understand the condition of the language today from the observation of letters, which are written by women from an inland region, Alto Sertão of Bahia.

Keywords: Brazilian Portuguese. Linguistic features. Cards.

¹ Os dados de cada autor/ra devem ser inseridos após as referências, como exemplificado ao final deste modelo/template.

Introdução

O presente artigo busca descrever acerca do português brasileiro (PB) vigente no período 1851-1908 em cartas enviadas e recebidas por Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima, a primeira filha da Baronesa e do Barão de Caetité, Elvira Benedita de Albuquerque e José Antônio Gomes Neto. Maria Victória de Albuquerque, geralmente apelidada de Iaiá, viveu em Caetité – BA, no Alto Sertão da Bahia, nasceu em 1851, casou-se com seu primo Joaquim Manoel Rodrigues Lima e faleceu em 1908. É válido citar que ela fazia parte de uma família econômica e socialmente prestigiada da época.

Voltada para os estudos linguísticos, essa pesquisa utiliza o gênero carta pessoal, considerada aqui como fonte documental, para analisar os registros linguísticos do período de 1851-1908. Nesse viés, vale enfatizar a importância de pesquisar acerca do processo evolutivo do português brasileiro, pois compreender os traços antigos do PB proporciona um entendimento mais significativo da estrutura da língua na contemporaneidade. Além disso, o gênero cartas é um objeto de análise fundamental, tendo em vista que as correspondências são consideradas como um dos mais antigos meios de comunicação entre dois sujeitos, o emissor e o receptor.

As cartas que foram utilizadas no estudo aqui proposto foram doadas por familiares de Maria Vitória de Albuquerque ao acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)², com o intuito de preservar/conservar esses escritos, como também para fins de pesquisa. É importante descrever que assim como o PB passou por uma evolução, a escrita epistolar sofreu um processo de desenvolvimento também, pois antes de se tornar uma prática de escrita comum entre a população brasileira, segundo Horta, Dias e Cordeiro (2018) foi considerada no século XVIII como uma necessidade dos indivíduos imigrantes, pois as correspondências eram o único meio de comunicação. Devido a isso, as cartas devem ser analisadas e estudadas, não só pensando nos traços linguísticos em vigor da época, mas também como fontes ricas de memória e história. Diante disso, a questão norteadora da pesquisa é: Quais mudanças linguísticas podem ser evidenciadas a partir das correspondências de Maria Victória de Albuquerque?

² O Arquivo Público Municipal de Caetité foi criado na década de 1990 e, posteriormente, integrado à Rede de Arquivos do Estado. Funciona no prédio da antiga Casa da Câmara e Cadeia e é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

Em vista do exposto, vale descrever que este estudo foi idealizado, primeiramente, devido ao desejo de correlacionar o tema do projeto da Iniciação Científica, do qual faço parte, com a temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), além disso, há também o interesse em investigar por meio de correspondências como era a língua do Brasil no passado e, se ocorreram mudanças linguísticas, como elas são percebidas no processo de evolução da língua. Além dessa perspectiva, esta pesquisa é extremamente necessária para o meio social, pois entender/pesquisar os traços linguísticos de determinado contexto e época possibilita compreender a condição da língua na atualidade. Perante isso, pesquisar sobre o PB no período de 1851-1908 nos permite conhecer os registros de escrita dessa época, como também compreender e viabilizar a relevância das cartas naquele período para aqueles indivíduos. Nesse sentido, é possível enfatizar a contribuição dessas fontes documentais para o meio acadêmico, pois, semelhante às ideias de Horta, Dias e Cordeiro (2018), a escrita epistolar não só expressa sentimentos, emoções e experiências, mas também indica informações culturais, políticas e sociais.

Esta pesquisa tem como base norteadora os estudos de Anthony Naro e Maria Scherre (2007), que abordam como surgiu a origem do português brasileiro; de Mattos e Silva (2001), que nos faz entender sobre os aspectos sócio-históricos na formação do português brasileiro. Além dos estudos de Ataliba de Castilho (2010), o qual descreve sobre a heterogeneidade das línguas, especificamente do português do Brasil; e de Nicole Horta, Débora Dias, Luciana Cordeiro (2018), que nos faz ter um olhar mais amplo em relação ao contexto das cartas e entender a importância de sua preservação. Desse modo, este estudo se fundamenta como pesquisa qualitativa e bibliográfica; também se constitui como pesquisa documental, pois iremos analisar o conteúdo de cartas.

1861

Breve relato acerca da origem do português do Brasil: diversos aspectos entrelaçados

Com a finalidade de fundamentar significativamente o desenrolar deste artigo, recorreremos a um referencial teórico que possa contemplar os principais conceitos que serão discutidos no decorrer deste estudo, como: a origem do português do Brasil, o processo histórico de mudanças linguísticas e a importância do gênero cartas.

A partir da perspectiva de Anthony Naro e Maria Scherre (2007), a origem do português do Brasil, especificamente o popular, decorre da união de diversas línguas que vieram da Europa, América e da África. Sendo assim, o PB é resultante da mistura de vários

fenômenos linguísticos de diversos lugares e povos. É importante destacar que o uso do português no Brasil iniciou a partir do século XVI, quando houve os primeiros contatos de portugueses com o território brasileiro. Segundo Naro e Scherre (2007, p. 26), antes mesmo de os portugueses se instalarem no Brasil, “a nação portuguesa já tinha uma longa história de contato com povos que não dominavam a sua língua”, e devido a essa experiência, os portugueses já possuíam estratégias/facilidades para comunicar com estrangeiros. Diante disso, a origem do PB se deu a partir de um processo de dominação.

De acordo com Naro e Scherre (2007, p. 28), o processo de expansão da língua portuguesa no Brasil começa no século XVIII e prevalece até o momento atual. É válido pontuar que antes desse período há registro apenas de duas línguas gerais de base indígena, que seria a língua geral paulista e a língua geral amazônica. Sendo assim, os autores descrevem que “O quadro linguístico inicial que surge então é o de uma comunidade em que as línguas dos diversos grupos se influenciavam, principalmente através do aprendizado de segundas línguas por falantes não nativos adultos”. Com isso, notamos que os fenômenos linguísticos do PB, inicialmente, decorreram por meio de um conjunto de influências oriundo de diversos grupos linguísticos.

Assim, a partir da dissertação de mestrado: *A origem do português brasileiro: o caminho percorrido*, de Suzan Figueiredo (2012), é possível salientar que houve minimização/desprezo em relação às influências de muitas línguas para formação do PB. Isso porque, no decorrer da historicidade do Brasil, muitos indivíduos brasileiros queriam que prevalecesse uma única língua no país, objetivando obter poder político e acabaram caracterizando a língua do colonizador, o português, como a língua monolíngue. E assim, o português ganha privilégio, enquanto que as línguas autóctones³ e africanas ficaram, inicialmente à margem desse processo de origem.

O processo evolutivo da língua portuguesa no território brasileiro abrange uma diversidade de fatores, entre eles é válido destacar os aspectos sócio-históricos. Segundo Mattos e Silva (2001), esses aspectos são fundamentais para compreender a formação do português brasileiro, tendo em vista que essa abordagem se refere ao multilinguismo e à escolarização no Brasil colonial e pós-colonial. Além disso, a autora Mattos e Silva (2001) afirma que o aspecto da escolarização evidencia a origem do português brasileiro, revelando que o surgimento do PB aconteceu por meio da oralidade, sem restrições normativas da

³ A expressão línguas autóctones refere-se à primeira língua falada em um país e é considerada a língua nativa dos povos indígenas.

escolarização, e assim era visto apenas como uma variante da língua escrita europeia. Dessa forma, no momento inicial o português brasileiro era visto como popular e inculto, sendo desprestigiado pela sociedade da época, enquanto que o português europeu representava o português culto e prestigiado.

Cartas: a escrita como um importante meio para guardar a memória linguística

É válido citar que o português foi nomeado como português brasileiro, a partir da segunda metade do século XX, quando os estudos sociolinguísticos passaram a ser mais frequentes. E, assim, o PB foi reconhecido tendo uma realidade linguística diversa, devido a aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Essa diversidade está presente tanto na fala dos brasileiros, quanto nos textos escritos. Diante disso, compreendemos que a escrita tem a capacidade de preservar a memória linguística de determinado grupo. Para (Queiroz, 2006, p. 57) “A escrita é a contrapartida gráfica do discurso, é a fixação da linguagem falada numa forma permanente ou semipermanente. Por meio da escrita, a linguagem pode transcender as condições ordinárias de tempo e lugar”.

Com isso, entendemos que a escrita é uma fonte importantíssima de preservação, pois é capaz, por exemplo, de registrar os traços linguísticos em um determinado período e, assim, a escrita daquela época pode perpassar o tempo e lugar. Nesse sentido, pensamos que o gênero epistolar representa bem o registro do PB do período de 1851-1908, tendo em vista que nos séculos XIX e XX os gêneros textuais utilizados com mais frequência na comunicação interpessoal foram as cartas. Além disso, o gênero epistolar é considerado uma fonte rica para pesquisas de variação/mudança linguística.

O termo “carta” advém do latim *charta*, que originou do grego *chártes*; do mesmo modo o termo epístola origina do latim *epistola, ae*. É importante descrever que as cartas foram usadas/escritas ao longo do tempo como uma necessidade dos indivíduos, pois eles precisavam se comunicar com outras pessoas distantes e compartilhar experiências, informações e notícias do cotidiano. Além disso, as correspondências serviram/servem como meio de registrar as memórias e as condições de vida da época.

A partir da perspectiva de Luciana Silva (2017), as cartas surgiram na antiguidade, nessa época foi considerada como principal meio de comunicação e informação usado pela população, principalmente pelos políticos da época, como Cícero, Horácio, Sêneca, Ovídeo e Plínio. Inclusive, Cícero é visto como o epistológrafo mais importante do período, pois

escreveu cerca de 774 missivas, as quais possuem valor literário, histórico e linguístico admirável. Percebemos que a escrita epistolar no princípio foi utilizada apenas por pessoas que exerciam algum cargo de poder, de influência, ou seja, indivíduos privilegiados. Segundo Horta, Dias e Cordeiro (2018), foi só a partir do século XVIII que a prática epistolar se tornou um hábito comum na vida dos indivíduos.

O uso da escrita epistolar intensificou-se no Brasil no século XIX, especificamente em 1850, pois foi quando essa prática se tornou um hábito comum entre a população brasileira e uma necessidade dos indivíduos imigrantes em comunicarem-se com os seus familiares que ficaram nos países de origem, pois as correspondências eram o único meio de comunicação escrita naquela época. Com isso, compreendemos que as cartas devem ser pensadas para além dos traços linguísticos em vigor da época, mas pensá-las também como fontes ricas de memória e história. Além dos autores Horta, Dias e Cordeiro (2018) reconhecerem a carta como um importante meio de comunicação do período, reconhecem também as cartas “como documento, fonte de informação repleta de informações culturais, políticas e sociais”.

Cartas femininas do período de 1851 a 1908 no Alto Sertão da Bahia

1864

O Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), situado na cidade de Caetité, no Alto Sertão da Bahia, preserva um rico acervo expositivo e documental e é um importante espaço que promove a participação da população para a formação e continuação da história. História essa que se mantém viva nas informações arquivadas a partir do tempo. No meio de tantos arquivos instigantes existentes no APMC, descobrimos cartas enviadas e recebidas por Maria Victória de Albuquerque, a primeira filha da Baronesa e do Barão de Caetité, e a partir dessa descoberta revolvemos investigar esse acervo. Seu marido - Joaquim Manoel Rodrigues Lima - exercia grande influência política, foi o primeiro governador eleito do Estado da Bahia (1892-1896), além da carreira política, era também médico, tendo estudado desde os 10 anos de idade em Salvador. Um ano antes de se formar teve participação na Guerra do Paraguai⁴ com o objetivo de servir como cirurgião, após concluir o curso de medicina retorna para Caetité, onde casa com sua prima Maria Victória de Albuquerque.

⁴ A Guerra do Paraguai ocorreu em 1864 a 1870, esse conflito foi causado devido há vários interesses que existiam entre as nações platinas no período de 1850. O Brasil ficou aliado do Uruguai e Argentina e foi contra o Paraguai. Essa guerra é considerada um marco na história desses três países, pois teve uma grande proporção na história da América do Sul e durou bastante tempo também.

Maria Victória de Albuquerque residia em uma região desprovida de instituições escolares, por isso não teve acesso à educação formal. Como sua família era abastada, teve oportunidades de aprender a ler e escrever, ou seja, foi alfabetizada. Podemos evidenciar com a leitura das cartas da primeira filha da Baronesa e do Barão de Caetité que mesmo sem ter frequentado ambientes escolares, ela buscava saber como estava o processo de aprendizagem dos filhos. Naquela época, os filhos de pessoas influentes costumavam estudar na capital da Bahia, Salvador, por isso a maioria das cartas em análise tiveram como destino tal cidade.

A partir da tese de doutorado *Correspondências de mulheres do Alto Sertão da Bahia (1844 - 1950): práticas de leitura e de escrita*, de Zélia Malheiro Marques (2021), é possível enfatizar que no século XIX e XX em Caetité a escrita de cartas era utilizada por pessoas que faziam parte do contexto de elite letrada. Durante esse período a prática de escrita e de leitura era limitada, isto é, nem toda população tinha acesso. Conforme Marques, “os usos da leitura e da escrita não se davam de forma homogênea, sendo muitos excluídos desse processo” (2021, p. 21). Inclusive, a autora frisa que a mulher pertencia a um grupo social desprestigiado e invisibilizado, devido à sociedade patriarcal. Entretanto, mulheres que pertenciam a uma camada social abastada, mesmo existindo naquele período o estigma social fadado à figura feminina a ser dona de casa e/ou mãe, elas tinham condições de acessar práticas de leitura, de escrita e de ter outras participações além do cotidiano familiar.

1865

As cartas femininas que foram selecionadas para serem analisadas neste estudo são do acervo de Maria Victória de Albuquerque, que pertencia à elite letrada da época devido à posição social e financeira da sua família, pôde ocupar um lugar de práticas educativas restritas no período. Assim, é perceptível que vivia em condições de privilégio, enquanto outras mulheres estavam excluídas, por exemplo, dos espaços de práticas educativas da sociedade daquela época. A família de Maria Victória de Albuquerque tinha bastante influência no período, tendo em vista que muitos membros da família ocuparam cargos de liderança política. Por conta dessa condição familiar, Maria Victória de Albuquerque e outras mulheres do mesmo meio social acabam tendo oportunidades de se envolverem com práticas de leitura e de escrita. Como eram pessoas que viajavam muito, devido a trabalho, estudo ou interesses outros, era comum comunicarem-se através de cartas. Assim, a partir da concepção de Marques (2021), notamos a importância da rede de sociabilidade de leitura e de escrita para as pessoas daquele período.

Vale discorrer que o português do Brasil não era nem é uma língua uniforme, pois há registros de variações ao longo de sua existência. A partir da perspectiva de Ataliba de

Castilho (2010, p. 197), as línguas são heterogêneas, e por meio delas lidamos com as mais diversas situações da sociedade, além disso, “Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que falam precisam adaptar-se às novas situações históricas”. Por exemplo, a variação diastrática, segundo Rodolfo Ilari e Renato Basso, (2006, p. 160), é caracterizada por ter “uma séria diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população e pela parte menos escolarizada”, além disso, Ilari e Basso (2006), descrevem que essa diferença na linguagem é fruto também da classe econômica que os falantes ocupam. Percebemos também a variação diamésica, pois de acordo com Rodolfo Ilari e Renato Basso, (2006, p. 163), essa diferença é capaz de ser observada “entre a língua falada e a língua escrita”; os autores enfatizam que há uma diferença enorme entre o escrito e o falado, pois, o texto escrito é planejado antecipadamente, enquanto que o texto falado é produzido no mesmo momento da produção discursiva.

A língua pode sofrer mudanças de diversas formas. Notamos que a língua é capaz de modificar a partir do tempo, do lugar, grau de escolaridade, dentre outros fatores. Segundo Ataliba de Castilho (2008, p. 123), a mudança linguística constituiu-se a partir de quatro processos, “lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização”, vale salientar que a relação entre eles é de interligação, nenhum depende do outro, são independentes. A partir da perspectiva do autor, entre os quatro elementos de constituição da língua, a gramaticalização é o aspecto mais aprofundado pelos estudiosos e, por isso, é necessário enfatizar aqui que esse processo determina as alterações na fonologização, na morfologização e na sintaticização.

1866

Breve análise do *corpus*

Antes de iniciar a análise, é importante descrever brevemente como foi entendido o processo de gramaticalização do português brasileiro no século XIX e XX. De acordo com as ideias de Nahendi Mota, Ingrid Cerqueira e Isabel Cristina De Azevedo (2017, p. 554), “a gramatização do PB durante o século XIX está relacionada à formação da identidade nacional [...]”. No século XX, conforme esses autores, já havia uma garantia de um Estado em relação à língua falada no Brasil, com isso, foi possível começar a propagação da língua, pois com o surgimento das gramáticas elaboradas, da Língua Portuguesa no Brasil acabou popularizando o PB entre os indivíduos.

A seguir mostraremos algumas mudanças linguísticas identificadas até o momento nas cartas analisadas. A partir da análise do *corpus* percebemos que o aspecto ortográfico chama nossa atenção, pois no decorrer da historicidade da Língua Portuguesa há uma grande discussão sobre o uso normativo de regras. De acordo com Elódia Roman e Dayme Bençal (2012):

[...] do século XVI até 1904, a grafia vai buscar aproximação aos padrões helenísticos e latinizados, porém, com o desconhecimento do método etimológico fez com que a proposta ortográfica complicasse ainda mais a evolução do idioma, como o uso do th, letras mudas e consoantes dobradas (Roman, Bençal, 2012. p.19).

Nessa perspectiva foi possível evidenciar nas cartas dois dos fenômenos linguísticos descritos pelos autores – o registro de letras mudas e as consoantes dobradas. A seguir listamos em duas tabelas alguns exemplos:

Tabela 1:

Letras mudas	
Esripto	Actual

Tabela 2:

Consoantes dobradas:					
Ella	Delle	Fallecimento	Incomodos	Acceite	Encommendas

Percebemos que esse tipo de ortografia era utilizado nos registros escritos do Alto Sertão da Bahia no período de 1851 a 1908. Observamos, na tabela 1, que em vez de escrever escrito e atual, as pessoas escreviam escripto e actual, isso em relação as letras mudas. Já referente às consoantes dobradas, prevaleciam na época a escrita de: ella, delle, fallecimento, incomodos, acceite e encommendas, ou seja, havia a duplicidade de algumas consoantes.

A partir da perspectiva de Ataliba de Castilho (2012), entendemos que as consoantes dobradas, exceto rr e ss, só deixam de ser aceitas a partir do ano de 1904, quando o foneticista e lexicólogo Gonçalves Viana publicou a sua *Ortografia nacional* (1904), que teve grande influência, pois seu estudo tinha “uma proposta de simplificação ortográfica”, por isso acabou resultando na exclusão das consoantes dobradas da escrita do PB.

Outro traço ortográfico perceptível no conteúdo das cartas é o uso do “(ão)” no final de verbos conjugados em terceira pessoa do plural. De acordo com Paul Teyssier (1982), “todas as palavras da língua que possuíam primitivamente -an (-am) e -on (-om) convergiram

desta maneira para uma só terminação em –ão. [...]”. Como é o caso de algumas formas verbais tônicas. Nas cartas femininas analisadas podemos identificar o seguinte exemplo:

“*Que vosmecê Marequinhas e todos da família **estejão** gozando saúde, é o meo maior desejo*”.

Na contemporaneidade a grafia: *Marequinhas* e *meo* se escreve *Mariquinhas* e *meu*. Encontramos o traço ortográfico “*estejão*” em algumas cartas do acervo de Maria Victória de Albuquerque, assim, notamos que no período de 1851 a 1908, em Caetité, era comum a população letrada escrever “*estejão*”, forma verbal que evoluiu para *estejam*. Segundo Elódia Roman e Dayme Bençal (2012), no século XVIII e XIX, era comum esse tipo de grafia, pois só a partir do século XX, com a reformulação do Acordo Ortográfico, ocorreu alterações na escrita.

Analisando as cartas percebemos o uso do -z- invés de -s-, conforme os autores Roman e Bençal (2012), era frequente encontrar grafias desse tipo no século XVIII e XIX, destacando ainda que só a partir do século XX, com as regras ortográficas, foi possível diminuir esses equívocos na escrita. A seguir listamos duas palavras com essa grafia: *Francêz* e *cazamento*. Sobre essa parte do discurso dos autores notamos a discriminação deles acerca da escrita das pessoas que falam e escrevem de modo diferente daquele estabelecido nas gramáticas normativas, os autores consideram a escrita dos indivíduos indevida/inadequada, ou seja, acabam cometendo preconceito linguístico.

Vale descrever também acerca dos aspectos sintáticos que, segundo Roman e Bençal (2012), desde o século XIX há uma preocupação dos gramáticos referente as regras de concordância e regência. Além disso, descrevem que uma das “características apontadas pelos pesquisadores com relação ao português brasileiro é o uso do pronome pessoal do caso reto funcionando como objeto direto” (2012, p. 219). Analisando as cartas, encontramos alguns exemplos desse fenômeno linguístico, como o seguinte:

“[...] *então eu **conçagrei** **ella** [...]*”

A partir da perspectiva de Roman e Bençal (2012), podemos enfatizar que essa característica discutida anteriormente evidencia os vestígios da herança crioula e específica do português brasileiro. Além de discutir acerca dessa questão, os autores apresentam também esse fator linguístico como “brasileirismo”. Para além do foi dito, é importante frisar que em muitas cartas analisadas do acervo de Maria Vitória de Albuquerque, o pronome pessoal do caso reto não está exercendo a função de objeto direto, como podemos observar no exemplo a seguir:

*“[...] embora tivesse **pedido a ella** que viesse aqui em casa passear.”*

Em relação aos aspectos morfológicos, nas cartas analisadas até o momento, notamos que não há muitos fatores diferentes dos dias atuais, isto é, o uso da morfologia no período de 1851 a 1908, na região interiorana da Bahia é semelhante ao uso contemporâneo. Dentro das cartas analisadas, encontramos somente um exemplo que possivelmente demonstra a diferença da conjugação verbal de antigamente dos dias atuais, porém, não podemos confirmar se esse fato evidencia a escrita comum da época e região de Caetité, já que não identificamos outros casos como esse no conteúdo das cartas. A seguir, temos uma diferença ao uso do verbo “fizesse”; comparando com o uso na atualidade, possivelmente, essa palavra seria substituída por fazer:

*“Hontem eu não sabia o que **fizesse**: queria vir e queria ficar”.*

Para finalizar essa breve análise, vale destacar um fator bastante popular na fala e também na escrita dos brasileiros em se tratando de concordância nominal. Segundo Roman e Bençal (2012), a concordância nominal é um dos aspectos linguísticos que as pessoas não têm tanto costume, esses autores discutem que a exclusão da marca de plural em nomes e adjetivos e a manutenção apenas nos determinantes é muito comum ocorrer entre os brasileiros. Observando as cartas, identificamos que realmente as pessoas escreventes analisadas, às vezes, não se preocupavam em marcar o plural em todos os termos, talvez porque achavam redundante esse uso ou desnecessário utilizar uma linguagem tão formal em comunicações cotidianas. De acordo ainda com as ideias dos autores citados anteriormente, no século XIX era frequente a inconstância da marcação ou não do uso do plural em casos nominais. Além disso, Roman e Bençal (2012), acreditam que a existência de variação nas concordâncias do PB tem relação com a formação sócio-histórica do Brasil, intensificada pelo contato de muitas línguas.

1869

Caminhos metodológicos

Este estudo foi realizado a partir da pesquisa documental com abordagem qualitativa e bibliográfica. Segundo Fontana e Pereira (2023, p. 48), esse tipo de pesquisa “auxilia no entendimento histórico, cultural e científico de uma comunidade e/ou de um fenômeno (social ou natural) localizados em um determinado período, esclarecendo, assim, inquietações” que podem ter sido despertadas da sociedade ou da pesquisadora. Além disso, descrevem que a pesquisa documental busca compreender, apreender e sistematizar os conteúdos existentes nos

documentos. Bardin (1979), enfatiza que para o desenvolvimento eficiente de uma pesquisa documental é fundamental seguir três etapas: a pré-análise, a organização do material e a análise dos dados coletados.

Para o estudo foi necessário analisar, inicialmente, seis cartas do acervo de Maria Victória Albuquerque, que está sob a guarda do Arquivo Público do Município de Caetité. Essa investigação foi feita, a fim de analisar o conteúdo das cartas e identificar os aspectos da memória, da história e os traços linguísticos comuns ao período de 1851 a 1908. Além disso, para o desenvolvimento do estudo, foi essencial consultar fontes bibliográficas, com o intuito de analisar/investigar os conceitos e fundamentar a pesquisa cientificamente.

Foi fundamental consultar referências teóricas que puderam contribuir para a fundamentação da proposta do trabalho. Por exemplo, os estudos de Naro e Scherre (2007), que abordam como ocorreu a origem do PB, Mattos e Silva (2001), que nos fez entender sobre os aspectos sócio-históricos na formação do português brasileiro e no estudo de Horta, Dias, Cordeiro (2018), o qual nos possibilitou ter um olhar mais amplo em relação ao contexto das cartas e entender a importância de sua preservação. Essa fundamentação teórica foi indispensável para o desenvolvimento do estudo.

Considerações Finais

Neste estudo abordamos acerca do português brasileiro (PB) vigente no período 1851-1908 em cartas enviadas e recebidas por Maria Victória Gomes de Albuquerque Lima. Sendo assim, esta pesquisa utiliza o gênero epistolar, objetivando analisar os registros linguísticos escritos do período do final do século XIX e início do século XX no Alto Sertão da Bahia. Vale pontuar que este trabalho se encontra em andamento, dessa forma, descreveremos apenas as considerações obtidas até o momento. A partir das nossas argumentações, pudemos perceber a necessidade de pesquisar os registros escritos do português brasileiro de 1851 a 1908, pois os registros dessa época são capazes de significar a estrutura da língua na atualidade.

Em relação aos objetivos deste estudo, pode-se descrever que estão encaminhando para o caminho esperado, pois estamos na fase de análise dos registros escritos a partir das cartas femininas e já conseguimos visualizar esses objetivos se concretizando. Na etapa atual da pesquisa já é possível elencar alguns traços linguísticos comuns do século XIX e início do século XX, e dessa mesma forma, identificar também os aspectos sintáticos, morfológicos e ortográficos característicos do período. Além disso, já é possível reconhecer a importância do

gênero epistolar para a história e a cultura, principalmente, para documentação de traços linguísticos.

A realização deste trabalho está sendo muito importante para o nosso entendimento/aprofundamento em relação às mudanças linguísticas, pois, pesquisar acerca de registros escritos do português brasileiro do Alto Sertão da Bahia em determinado período não só possibilita compreender como era a linguagem daquela população, mas também nos permite entender fatores que influenciaram a mudança da língua e como se deu o seu desenvolvimento/evolução até a contemporaneidade.

Para além do que foi dito, esta pesquisa nos possibilita conhecer, a partir da leitura das cartas, um cenário diferente do uso da escrita dos dias atuais. Vale destacar que este estudo nos propiciou também entender o quanto os processos de mudança ocorridos no português do Brasil foram importantes para a compreensão e organização da história da língua na atualidade. Ademais, concluímos até o momento que os registros escritos do português brasileiro de 1851 a 1908 do Alto Sertão da Bahia propicia inúmeras linhas de estudos, sendo assim é um *corpus* riquíssimo de análise e desenvolvimento de conhecimento.

Referências

1871

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

DE CASTILHO, Ataliba T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DE CASTILHO, Ataliba T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

DE CASTILHO, Ataliba T. **Mudança linguística multissistêmica**. In: TRAVEGLIA, C.; MAGALHÃES, J. S. (org.). *Múltiplas perspectivas em linguística: coletânea de trabalhos apresentados no 11º Simpósio Nacional de Letras e Linguística e no 1º Simpósio Internacional de Letras e Linguística*. Uberlândia: Ed. Da UFU, 2008. p. 505518.

FIGUEIRÊDO, Suzan Cleyde Martins *et al.* **A origem do português brasileiro: o caminho percorrido**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa Documental. In: MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O.; BATISTA, M. C. (Org.). **Metodologia da pesquisa em Educação e ensino de Ciências**. p. 42-58, 2. Ed. – Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.

HORTA, Nicole Marinho; DE ALMEIDA DIAS, Débora; CORDEIRO, Luciana Coutinho. Cartas: um acervo de memória afetiva e histórica e a importância de sua preservação. **Múltiplos olhares em ciência da informação**, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17036>. Acesso em: 06 de mai. de 2024.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARQUES, Zélia Malheiro et al. **Correspondências de mulheres do alto sertão da Bahia (1844-1950): práticas de leitura e de escrita**. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Para a história do Português Brasileiro. Primeiros estudos**. v. II, tomos I e II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

MOTA, Nahendi Almeida; CERQUEIRA, Ingrid Bomfim; DE AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan. Gramatização do português brasileiro nos séculos XIX e XX e início do século XXI. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 552-567, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/886>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (org.). **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro. **O texto autobiográfico de Dr. Remédios Monteiro e as variações ortográficas do século XIX**. Revista Philologus, Rio de Janeiro, v. 34, n.34, p. 57-64, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO12/34/006.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

1872

ROMAN, E. C.; BENÇAL, D. R. O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO SÉCULO XIX NAS CARTAS DA BARONESA DE GUARAÚNA E DA IMPERATRIZ THEREZA. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 13, n. 24, 2012. DOI: 10.5935/rl&l.v13i24.6968. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6968>. Acesso em: 27 mar. 2024.

SILVA, Luciana Aparecida. A escrita epistolográfica de Clarice Lispector e a importância do gênero epistolar para os estudos literários. **Revista do SELL**, [S, l.], v. 6, n.2, 2017. DOI: 10.18554/rs.v6i2.1338. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/1338>. Acesso em: 06 nov. 2023.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes, 1982. Fonte digital. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/22899347/paul-teyssier-historia-da-lingua-portuguesa> > Acesso em: 20 mar. 2024.



Rosa Camila Xavier Azevedo.
Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Departamento de Ciências Humanas (DCH-VI); bolsista de Iniciação Científica.
Email: rosacamilaazevedo@gmail.com.
Lattes: 3722720048060144.
Orcid: 0009-0003-5916-0439.